

O TESCOURO DE ABDUL

Conto de Horácio Dias

Horácio Dias

KD

Existe na Tunísia uma aldeia que se chama Ahmahmet. Ao lado de mar, com casas brancas enormes, onde moram famílias de até três gerações. As casas têm, em volta, lindos jardins onde a flor principal é o jasmim, pois nenhum jasmim do mundo tem odor tão puro e forte como o jasmim da Tunísia.

Nessa cidade onde homens ricos saem à tarde para tomar chá, jogar dominó e ver o movimento do centro, levando à cabeça um jasmim branco, e em uma das mãos uma pequena gaiola com um pássaro vivo - quase sempre um canário - vivia uma família muito pobre: a viúva Zahrtlen, seu filho Abdul, de quinze anos, e suas duas filhas, Afifa de dez anos e Samira, de apenas oito.

Abdul era um rapazinho que, como chefe da família, ganhava a vida como pescador de esponjas. Todos os dias se lançava ao mar com a esperança de trazer esponjas o bastante para poder sustentar suas irmãs e a viúva mãe.

Os quatro viviam felizes em sua pobreza, mas sonhavam com dias melhores e com o dia em que Abdul fizesse bastante dinheiro para poder começar a preparar o enxoval de Afifa e Samira, pois em Ahmahmet as meninas começavam a preparar o seu enxoval de casamento quando tinham sete anos. Afifa e Samira já passavam da idade, mas como às vezes não tinham dinheiro nem mesmo para comprar cuscus, como poder pensar em preparar enxoval?

Todos os dias, ao nascer do sol, a cidade inteira ouvia o grito do Muedzen. O Muedzen - canter - ao sol nascer e ao se por, sobe ao topo do Mosque e de lá canta a sua canção que pede para que todos os fiéis se joguem ao chão, em direção a Meca, em oração. E, todos os dias ao ouvirem o Muedzen, Abdul e sua família, prostravam-se ao chão para as suas preces. Pediam

19

sempre para que Allah os concedesse a graça de poderem começar a preparar o enxoval de Afifa e Samira, pois as outras meninas da aldeia já viam seus enxovais serem feitos, e essa era uma fase importante para a menina.

Um dia Abdul voltou à casa sem nem uma esponja. Estava muito nervoso e preocupado, pois não conseguira nem mesmo ir muito ^{ao} fundo do mar. Contou a sua mãe que quando afundava via dois olhos enormes olhando para ele, e ^{que} o medo ~~que~~ se apoderava dele de tal forma que não conseguia ver mais nada, nem procurar esponjas.

Naquela noite quando o Muedzen cantou sua canção os quatro se prostraram ao chão, continuando como sempre a pedir a benção de Allah. Abdul prometeu a Allah que se lhe chegasse a sorte, antes mesmo de começarem os enxovais das irmãs ele iria até Meca, para agradecer a Allah pela graça, em seu próprio templo.

Ao terminarem a prece a mãe de Abdul lhe disse:

- Meu filho, Allah é bom. Allah é forte. Os olhos que lhe vigiam sob as águas são os olhos de Allah. Não tema portanto. Amanhã ao mergulhar, procure os olhos de Allah que estão sob as águas e siga-os.

Abdul foi dormir mas não conseguia. Ao mesmo tempo que sonhava com a possibilidade de obter uma fortuna, temia os olhos de Allah, pois apesar de conversar com ele todos os dias, eram apenas preces para um Allah que ele não via!

O sol raiou cedo no outro dia, e o azul do céu mais claro do que nunca. Depois de sua prece matinal costumeira, Abdul partiu em direção do mar, confiante no que sua mãe lhe dissera.

Depois de preparar seus petrechos, arrou-se com o tridente e mergulhou no azul profundo do mar. Como no dia an-

20
H

terior Abdul viu os olhos que estavam fixos nele e teve medo, mas lembrando-se de que Allah o protegia, encarou-os agora e nadou em sua direção.

De repente os olhos desapareceram e Abdul chocou-se com um objeto enorme. Era um baú-cofre. Abriu-o. Dentro dele haviam coisas preciosas demais para poder avaliar. Bem sabia que eram preciosas, pois eram exatamente como as pedras que ornamentavam as coroas de reis.

Mas, o que fazer com um cofre tão pesado? Seus apetrechos eram apenas para pescar esponjas, coisa leve e fácil de se levar até à praia. Se deixasse o cofre ali, amanhã alguém poderia apanhá-lo, e Allah o havia mostra^o de ^oele! Allah queria que fosse seu.

Ia sair da água quando de novo viu os olhos fixos que vinham em sua direção. Pararam-se atrás do cofre, e o cofre começou a mover-se. Abdul compreendeu. Se apenas puxasse o cofre um pouquinho Allah o ajudaria a levá-lo até a praia. De vez em quando subia até a superfície para respirar, ^{mas} voltava logo, e de pequeno puxão em pequeno puxão foi arrastando o cofre até chegar à praia. Nem mesmo reparou quando os olhos desapareceram pelo mar adentro.

E agora, o que fazer? Era pesado demais para poder colocá-lo sozinho sobre o seu carro de esponjas. Sentou-se ao lado do cofre e rezou para que Allah o mostrasse a maneira de levar o cofre para casa. Nem bem havia terminado sua prece, ouviu passos. Três homens fortes aproximavam-se dele. O mais alto, que tinha um lenço na cabeça e um modo grosseiro de falar, cuspiu pelo canto da boca, mostrou-se feliz ao ver o menino triste, com tanta riqueza na mão.



H

O TESOURO DE ABDUL

- Deixe isso que eu ponho no ^{Carrinho} carrinho. - Disse ele, rindo.

Colocou o cofre no carrinho, e logo depois disse a Abdul às gargalhadas:

- Agora o baú e toda a fortuna serão seus, mas primeiro tem que me dizer onde conseguiu tudo isso...

Abdul contou-lhe a estória dos olhos de Allah, e da maneira como encontrou o baú de joias e pedras preciosas. Os olhos do homem se iluminaram com a esperança de poder encontrar mais, e mais e mais, até tornar-se o homem mais rico do mundo.

- Muito bem, garoto, Agora vem comigo. Meus dois homens vigiarão o baú e você e eu vamos procurar outros tesouros. Você vai seguir os olhos e eu tirarei o tesouro. Vamos...

Empurrando Abdul, o homem jogou-o ao mar. Os dois homens puseram redes sobre o baú e ficaram observando Abdul e "Mãe de Ferro", que se lançavam contra as ondas. De repente Abdul viu os olhos... puxou "Mãe de Ferro" e este notou outro baú, ainda maior, e seus olhos brilharam. Subiu à tona imediatamente e chamou os dois homens para ajudá-lo a tirar o baú.

Abdul tentou ver os olhos de Allah novamente, e estes iam em direção à praia. Seguiu-os. Os homens, tão preocupados estavam em retirar o baú que não deram conta da ausência de Abdul.

Ao chegar à praia Abdul notou que podia puxar o carrinho com facilidade. Nem mesmo ouviu os gritos de socorro que os tres homens deram antes de se afogar.

Já anotecia quando chegou em casa. O Muedzen cantava sua canção e as irmãs e mãe estavam prostradas ao chão, em prece. Ele também rezou. Terminada a prece, contou-lhes o que aconteceu e mostrou-lhes o baú que conseguira.

Como havia prometido, foi-se até seu aposento e começou a preparar-se para a longa jornada até a cidade de Meca. Na volta, então, cuidaria dos enxovais de Afifa e Samira.

